

O NOSSO FUTURO “ASSUSTADOR” PODE ESTAR À PORTA

Os Estados Unidos brevemente em GUERRA contra a CHINA, a RÚSSIA e o MÉDIO ORIENTE?

Pesquisado e compilado pelo pessoal editorial de The Fatima Crusader

Quando o Papa Bento XVI fez uma declaração preparada aos jornalistas que o acompanhavam a caminho de Fátima em 11 de Maio de 2010, deu-nos uma confissão rara e franca dos terrores que o mundo sofrerá em breve, a não ser que, como veremos mais adiante, o Papa obedeça precisamente à ordem solene de Deus que é dada na Mensagem de Fátima ao Papa – *antes que o tempo se esgote*.

Em 11 de Maio, o Padre Federico Lombardi, S.J., Director da Secretaria de Imprensa do Vaticano, apresentou esta pergunta, feita por um dos jornalistas, ao Santo Padre: “[P]ara além do atentado contra João Paulo II... É possível, na sua opinião, encaixar também naquela visão [do Terceiro Segredo] os sofrimentos da Igreja de hoje...?”

Em resposta, o Papa Bento XVI admitiu sem rodeios que o Terceiro Segredo refere-se a acontecimentos “terríveis” que hão-de afectar depressa o mundo à medida que, “pouco a pouco,” a profecia de Nossa Senhora continua a revelar-se: “Para além desta grande visão do sofrimento do Papa ... são indicadas realidades futuras da Igreja que estão pouco a pouco a desenvolver-se e a revelar-se. ... [V]emos isto hoje numa maneira realmente aterradora...”¹

O facto de o Papa Bento XVI não ter chegado a realizar a Consagração da Rússia ao Imaculado Coração, como Nossa Senhora pedira, apesar da evidência que deixou em como sabia da gravidade e urgência da situação, é desconcertante e, em última análise, incompreensível em termos puramente humanos. Parece que só aquilo a que S. Paulo chamou “mistério da iniquidade”^{la} é adequado para explicar o longo e contínuo atraso de sete Papas em cumprirem os pedidos de Nossa Senhora.



O Papa Bento XVI fala aos jornalistas no avião papal, em 11 de Maio de 2010, sobre o texto ainda oculto do Terceiro Segredo de Fátima, confirmando que “terríveis... realidades futuras [preditas no Segredo]... estão pouco a pouco a desenvolver-se e a revelar-se.” Devido aos acontecimentos recentes que descrevemos neste número de *The Fatima Crusader*, o mundo inteiro pode estar prestes a experimentar os “perigos que ameaçam a vida dos Cristãos e portanto [a vida] do mundo” a que ele, então o Cardeal Ratzinger, se referiu como sendo o conteúdo do Terceiro Segredo numa entrevista de 1984 a Vittorio Messori, da revista *Jesus*.

Algumas dessas “realidades futuras aterradoras” já estão a aparecer à nossa porta, e ameaçam transformar-se em realidades presentes — especialmente para os Estados Unidos e para os seus aliados — a não ser que os pedidos de Nossa Senhora de Fátima sejam obedecidos muito depressa. A ameaça de que as tensões regionais podem intensificar-se e expandir-se numa guerra à escala global é grande, não num mas em três teatros de conflitos separados mas muito reais – a China, o Médio Oriente, e a Rússia. E por trás dos conflitos de interesse políticos que alimentam estas tensões actuais, há pressões financeiras e económicas sem precedentes que levam as nações do mundo a atacarem-se umas às outras.

A finalidade da análise que se segue não é justificar ou condenar as posições políticas ou exigências territoriais de qualquer das nações envolvidas nestas disputas cada vez mais tensas, mas antes sublinhar os perigos que agora enfrentamos e a urgência de tomar a única medida segura para corrigir a situação: a obediência a Nossa Senhora de Fátima.

Por favor, leia com atenção este importante *Número de Emergência de The Fatima Crusader* e obtenha mais exemplares para partilhar com os seus familiares, amigos, vizinhos, paroquianos, e com todas as pessoas de boa vontade que possa encontrar.

Envie um exemplar, com uma breve mensagem pessoal, tal como: “Caro ____, por favor leia a revista *Fatima Crusader* que aqui lhe envio” – ao Presidente; às autoridades federais e estaduais; ao seu Deputado; aos seus Bispos e sacerdotes; aos editores e jornalistas dos diários e semanários que costuma ler; e a quaisquer outras pessoas influentes ao seu alcance!

A GUERRA contra a CHINA é uma possibilidade distinta

Não surpreende que se tenham continuado a desenvolver tensões internacionais com respeito a conflitos de ambição que ameaçam levar os Estados Unidos a uma confrontação armada com a China. Consideremos os casos seguintes:

Aviões militares dos Estados Unidos e da China defrontam-se.

• Reconhecimento militar de rotina dos Estados Unidos.

Estamos a meio da manhã. Um avião quadrimotor de reconhecimento EP-3 da Marinha americana está a voar sobre o Mar do Sul da China perto das Ilhas Paracel, a apenas 340 quilómetros por hora, numa missão rotineira de recolha de informações. A rota marítima sobre a qual o avião voa é parte reconhecida da “zona económica exclusiva” da China. A lei internacional permite navegação livre nessas zonas a navios e aviões de todas as nações, mas os Estados Unidos e a República Popular da China (RPC) discordam sobre se a referida lei inclui navios e aviões *militares*.



Um EP-3 da Marinha americana, semelhante ao avião que colidiu com um caça a jacto chinês sobre o Mar do Sul da China.

• Agressão de um caça a jacto chinês:

De repente, dois caças a jacto chineses do tipo J-8 aparecem em cena e começam a incomodar agressivamente o avião americano, maior e menos manobrável. Um dos caças passa muito perto, a alta velocidade, voando por baixo do avião americano, e de repente sobe, colocando-se em frente dele, dando ao avião americano um “salto”, em gíria de aviador, por ser forçado a avançar pelo escape turbulento do jacto.

O jacto chinês descreve um círculo e repete a manobra. E então, pela terceira vez, aproxima-se do avião americano para o incomodar com mais uma passagem irritantemente próxima. Mas desta vez, ambos os aviões sofrem um autêntico *salto ameaçador*, quando a cauda do jacto chinês – que estava demasiado próximo para esta manobra tão agressiva – colide com a asa esquerda do avião americano.



O caça interceptor a jacto chinês J-8 (este mesmo avião, nº 81192) que se despenhou no mar próximo da Ilha de Hainan. O piloto foi observado a ejectar-se do avião, mas o corpo nunca foi recuperado.

• O avião chinês despenha-se.

O jacto chinês quebra-se em duas partes e precipita-se no mar, matando o piloto (cujo corpo nunca foi encontrado). O nariz do avião americano é completamente partido, danificando o motor do lado de dentro da direita, e a hélice do lado de fora da esquerda é gravemente danificada. Um bocado da cauda do avião chinês atinge o flap articulado na parte de trás da asa esquerda do avião americano, encravando-o na posição para cima e lançando o avião num parafuso para a esquerda até ficar praticamente em posição invertida – e a mergulhar.

• O avião de reconhecimento americano sofre danos graves.

Nos 30 segundos que se seguiram, o avião americano continua a precipitar-se em direcção ao mar. O piloto, Tenente Shane Osborn, luta para retomar o controlo do avião, e por fim consegue endireitá-lo e colocá-lo em voo horizontal a apenas 3000 metros acima do nível do mar – tendo caído 4.500 metros.

Durante os 26 minutos seguintes, Osborn tenta manter o avião estável – sem pressão na cabina, sem altímetro nem indicador de velocidade, e sem funções de flaps, estabilização e elevação. A tripulação americana prepara-se para abandonar o avião em voo.

Osborn decide arriscar uma aterragem. Faz pelo menos 15 transmissões a pedir socorro, que não têm resposta. Finalmente, o avião americano faz uma aterragem não autorizada na base militar chinesa da Ilha de Hainan, 10 minutos depois de o segundo avião chinês ter aterrado ali.



O avião de reconhecimento da Marinha americana EP-3 apreendido pelos chineses na Ilha de Hainan. É visível a cavidade exposta pela falta do cone do nariz, assim como a hélice quebrada do motor número 1 (em cima, na ponta direita). O avião foi desmontado e eventualmente devolvido à Marinha americana para ser reparado e reequipado.

• Interrogatórios e tensão internacional.

A tripulação de 24 membros é detida e interrogada a todas as horas do dia e da noite pelas autoridades chinesas durante os dez dias que se seguiram, enquanto que se desenvolvia uma disputa internacional, em que a China acusa a tripulação americana de ter matado o piloto do caça a jacto chinês. A China mantém-se firme, exigindo um pedido de desculpa dos Estados Unidos, enquanto que estes insistem que não podiam pedir desculpas, visto não terem feito nada de errado.

Como foi resolvido este incidente potencialmente volátil? O Embaixador americano apresentou ao Ministro dos Negócios Estrangeiros da China uma carta intencionalmente ambígua, em que se dizia que os Estados Unidos “lamentavam muito” a morte do piloto chinês, assim como o facto de o avião americano ter entrado no espaço aéreo chinês e aterrado em Hainan sem autorização verbal.

A “carta dos dois lamentos” desarmou com sucesso este estado de coisas potencialmente explosivo, permitindo que ambas as partes salvassem a face e evitassem uma luta que nenhuma delas desejava. Alguns dias depois de receber a carta, a China libertou a tripulação americana. Teve lugar nas semanas seguintes um resmungar inofensivo, enquanto a China se gabava de ter conseguido o pedido de desculpas exigido, enquanto que os Estados Unidos insistiam que a carta *não* era um pedido de desculpas, mas antes uma simples “expressão de pesar e tristeza.”⁴

Na sequência do acontecimento, a viúva do piloto chinês recebeu uma carta pessoal de condolências do Presidente Bush, e os Estados Unidos concordaram em indemnizar a China em 34.000 dólares pelos 11 dias de comida e alojamento da tripulação americana. Embora este incidente tivesse ocorrido em 2001, estamos na presença de circunstâncias semelhantes que podiam hoje levar a confrontações muito piores e muito mais perigosas!



A tripulação de 24 membros do avião EP-3 da Marinha americana é libertada depois de onze dias de detenção na base militar chinesa da Ilha de Hainan. A tripulação prepara-se para entrar no avião que a levará a Honolulu, Hawaii, no regresso à Base Aeronaval da Ilha de Whidbey.



A tripulação do EP-3 da Marinha americana chega à Base Aérea de Hickam no Hawaii. Depois de dois dias de interrogatórios intensivos sobre os 11 dias de detenção às mãos dos militares chineses, receberam umas boas-vindas de heróis. Na fotografia, a fazer continência, o Suboficial Piloto da Força Aérea americana Curtis Towne.



O piloto do EP-3 da Marinha americana, Tenente Shane Osborn, recebe a Cruz de Voos Distintos por heroísmo e desempenho extraordinário em voo.

A HISTÓRIA REPETE-SE

Os confrontos militares entre os EUA e a China continuam em 2014

Devíamos perguntar a nós próprios como outro incidente semelhante seria resolvido em 2014, agora que o tigre asiático tem sido bem alimentado durante décadas de estatuto de comércio de nação mais favorecida e da transferência de fábricas e investimentos americanos.

• Mísseis de saturação

Já em 2001, a Comissão de Revisão Económica e de Segurança Estados Unidos-China tinha avisado que mísseis disparados de bases chinesas podiam destruir cinco das seis principais bases aéreas americanas no Extremo Oriente. O mesmo relatório sublinhava que viria um dia em que a China teria desenvolvido um míssil balístico lançado de terra e capaz de destruir quaisquer navios inimigos dentro do alcance operacional da costa chinesa:

“Ataques de mísseis de saturação podiam destruir as defesas aéreas, pistas, aviões estacionados, e instalações de combustível e manutenção americanas. A complicar este cenário, há a deslocação do míssil balístico anti-navios da China, que poderia manter os porta-aviões americanos ao largo para além do seu alcance operacional normal.”⁵

Esse dia chegou, e o sistema de mísseis chineses anti-navios está pronto.

Neste ponto, já não falta muito ao desenvolvimento das capacidades militares da China, e poucas razões para a República Popular da China (RPC) – isto é, a China Comunista – evitar qualquer combate. Esta é, pois, a pergunta crucial dos dias de hoje:

O que seria necessário – HOJE – para arrastar os Estados Unidos para uma confrontação armada com a China?

O incidente da Ilha de Hainan passou sem consequências há treze anos. Parece certo que um acidente semelhante podia hoje começar uma guerra com facilidade.

• A próxima crise – as Ilhas Senkaku em 2014?

O próximo ponto nevrálgico das tensões internacionais entre as mesmas nações pode muito bem ser as Ilhas Senkaku, no Mar do Leste da China (ricas em reservas de petróleo e gás natural), em que a China – em Dezembro de 2013 – está agora a exigir um território que tem sido controlado pelo Japão durante a maior parte dos últimos 120 anos. Zheng Wang, Professor de Diplomacia Internacional de Seton Hall, acredita que é apenas uma questão de tempo até que esta disputa levar a uma guerra, o que levará mais uma crise de maior importância ao palco mundial.



As Ilhas Senkaku, desabitadas (cinco ilhas e três rochedos, compreendendo ao todo menos de 3 milhas quadradas de superfície), estão numa região do Mar do Leste da China que é rica em petróleo e gás natural, e são reivindicadas como domínio de três nações rivais – o Japão, a China e a Coreia do Sul.

Um pequeno acidente entre a China e o Japão podia agravar-se imediatamente, passando a uma crise de grande importância e até mesmo a um conflito militar.”⁶ Segundo Wang:

“Já começou a contagem para a próxima crise.”

O antigo candidato presidencial Patrick Buchanan está de acordo:

“A disputa das Senkakus, que tem levado navios de guerra e aviões de ambos [China e Japão] a fazer círculos à volta das ilhas e sobre elas, pode trazer uma guerra de tiros. E se assim acontecer, a América estará metida nela.”⁷

As Ilhas Senkaku (cinco ilhas e três rochedos), desabitadas, estão a nordeste de Taiwan no Mar do Leste da China. Estiveram sob administração japonesa de 1895 até à rendição do Japão no fim da 2ª Guerra Mundial, altura em que o controlo administrativo daquela área rica em petróleo passou para os Estados Unidos. Em 1972, o Presidente Nixon assinou o Acordo de Devolução de Okinawa, que permitia que o controlo das ilhas fosse devolvido ao Japão.

Nos anos recentes, e nos meses ainda mais recentes, porém, a República Popular da China (RPC) começou a insistir de novo em exigências territoriais há muito adormecidas e amplas, que incluíam as Senkakus. As ilhas, argumenta a China, foram descobertas e controladas por ela desde o Século XIV. Quando o Império Japonês se rendeu em 1945, o Japão (segundo a China) desistiu de todos os territórios que tinha adquirido, e as Senkakus (dizem eles) voltaram portanto a ser do domínio legal da China.

• A China agora tem pretensões sobre quase tudo nos Mares do Sul e Leste da China.

Reivindicando praticamente tudo nos Mares do Sul e Leste da China, a China declarou o Mar Amarelo e o Estreito de Taiwan zona proibida para a Marinha americana. Estabeleceu também

uma Zona de Identificação de Defesa Aérea (ZIDA) nas Senkakus e em toda a região marítima extensa entre as ilhas e a China continental. E avisam que nenhum avião pode entrar nesta zona sem autorização de Beijing.

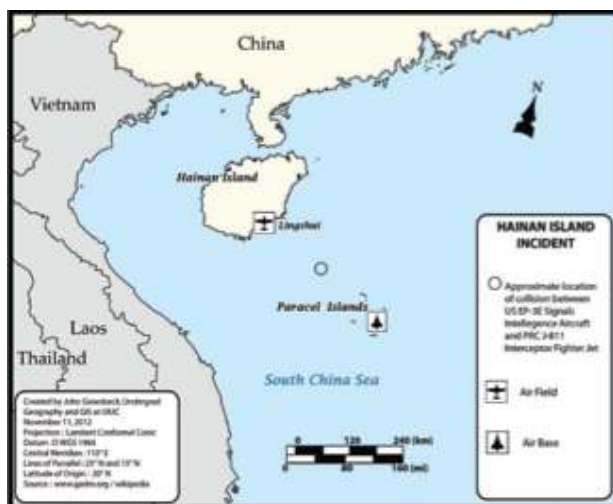
Não tenham dúvidas, esta asserção chinesa sobre território japonês foi também um desafio directo aos Estados Unidos. Segundo o Tratado de Segurança Mútua de 1960 entre os Estados Unidos e o Japão, os Estados Unidos são obrigados a defender o Japão se alguma das suas ilhas for atacada.

De acordo com isso, o Presidente Obama enviou dois B-52 para a zona, em resposta ao desafio da China. Aviões militares japoneses e sul-coreanos também desafiaram as restrições da ZIDA chinesa. A China respondeu, despachando o porta-aviões *Lianoning* para aquelas águas, e costuma fazer descolar caças a jacto para vigiar quaisquer aviões que voem através da área. Por seu lado, o Japão faz descolar caças a jacto sempre que observa aviões chineses no território.⁸

“Agora,” observa o antigo candidato presidencial Pat Buchanan, “com navios de guerra de ambas as nações [a China e o Japão] a navegar à volta das ilhas e caças a jacto a sobrevoar estes rochedos, é difícil imaginar a China de Xi Jinping ou o Japão do Shinzo Abe a recuar antes que ocorra um choque.”⁹

• Mais avanços da China em terra e no mar

Ainda no Mar do Sul da China, as Ilhas Spratly (um arquipélago de 164.000 milhas quadradas, que compreende mais de 750 ilhotas e recifes que na prática têm menos de 1,5 milha quadrada de terra) e as Ilhas Paracel (um arquipélago de 6.000 milhas quadradas com mais de 30 ilhotas e recifes, que representam menos de 3 milhas quadradas de terra), ricas em petróleo e reservas de gás natural, são motivo de disputas territoriais cada vez mais aquecidas entre a China, Taiwan, o Vietnam, as Filipinas, a Malásia e Brunei. Embora actualmente não estejam envolvidos nestas disputas, os Estados Unidos sentem agudamente que os seus interesses nacionais ficariam severamente comprometidos se a China alcançasse direitos exclusivos neste mar.¹⁰



O céu estava claro. A visibilidade era excelente quando dois aviões militares – um dos Estados Unidos, o outro da República Popular da China – chocaram no ar sobre o Mar do Sul da China. Este mapa mostra a área da colisão do quadrimotor de vigilância EP-3 da Marinha americana e do caça interceptor chinês a jacto J-8, aproximadamente a meio caminho entre as Ilhas Paracel e a Ilha de Hainan. Veja as páginas 6 a 10 a respeito deste incidente.

• **A discussão entre a China e a Coreia sobre um recife submerso chamado Ieodo é perigosa para a paz e segurança da América.**

A China está também em disputa com a Coreia do Sul sobre um recife submerso no Mar Amarelo chamado Ieodo, onde os coreanos construíram uma estação de pesquisas marítimas (e que, mais uma vez, está numa região rica em depósitos de petróleo e gás). Um tratado de segurança mútua de 1953 coloca também os Estados Unidos no meio desta discussão, visto que, segundo os termos do tratado, qualquer ataque contra o território da Coreia do Sul será considerado como “perigoso à paz e segurança [da América].”

• **Um aliado dos Estados Unidos – as Filipinas – é outro alvo da China.**

Os Estados Unidos estão obrigados, por um tratado de segurança de 1951 com as Filipinas, ao envolvimento americano na defesa dessas ilhas. As reivindicações chinesas no Mar do Sul da China – que abrangem territórios das Filipinas, como o Recife de Mischief e o Recife de Scarborough – são também, portanto, um desafio ao domínio dos Estados Unidos sobre esta região.

O Presidente Obama decidiu, pois, declarar o Mar do Sul da China como sendo área de “interesse da segurança nacional dos Estados Unidos,” e enviar 60% da frota americana para a área – o chamado “Pivot para a Ásia” que foi iniciado em 2011. Da mesma maneira, as bases navais e aéreas americanas na região estão rapidamente a ser reforçadas, nas Filipinas, na Coreia do Sul, no Vietnã, na Austrália e na Tailândia.

Ao mesmo tempo, a postura da China em relação ao controlo destes territórios disputados não podia ser mais agressiva. Reivindicando agora praticamente tudo dos Mares do Sul e Leste da China, a China declarou que o Mar Amarelo e o Estreito de Taiwan são zona proibida para a Marinha americana. Apelando a uma “desamericanização do mundo,” *os responsáveis chineses anunciaram em Novembro de 2013 que possuem agora armas nucleares e sistemas de entrega suficientes para eliminar os Estados Unidos da face da terra.*¹¹

• **O próximo ACIDENTE significará uma guerra?**

As tensões actuais no Mar do Sul da China fazem assim lembrar o incidente do avião de reconhecimento americano de 2001 sobre estas mesmas águas. Mais uma vez, os Estados Unidos estão a reivindicar o direito a fazer missões de vigilância dentro da chamada “zona económica exclusiva” da China, enquanto que a China considera a presença de todos os navios de guerra como uma intrusão ilegal e provocadora.

Em 5 de Dezembro de 2013, de facto, a situação por pouco chegou ao rubro quando navios das Marinhas chinesa e americana escaparam por pouco a uma colisão.

O cruzador de mísseis teleguiados *USS Cowpens*, encarregado de uma missão de vigilância, encontrou-se com o porta-aviões chinês *Liaoning* e com os seus navios de escolta – incluindo dois destroyers e duas fragatas – envolvidos num exercício de treino no Mar do Sul da China. (Ambos os lados estavam em comunicação directa com os Ministérios de Defesa dos respectivos países durante este encontro.)



O USS Cowpens (CG-63), um cruzador de mísseis teleguiados da classe Ticonderoga, tomou o seu nome da Batalha de Cowpens, da Guerra Revolucionária americana. Esteve envolvido num incidente internacional em Dezembro de 2013, que podia ter levado os Estados Unidos e a China a uma confrontação armada aberta, e possivelmente a declarações de guerra. O Cowpens quase chocou com um navio de escolta do grupo naval do porta-aviões chinês no Mar do Sul da China.



O porta-aviões chinês *Liaoning* patrulha a costa chinesa, contestando a presença de navios de guerra americanos, que patrulhavam as mesmas águas.

O navio americano e o grupo naval chinês mantiveram-se concentrados nas suas missões. Ambas as partes certamente compreenderam que qualquer deferência mostrada ao outro seria um reconhecimento implícito de que os direitos da outra nação nestas águas eram maiores do que os deles próprios.

Não tardou a observar-se que, mantendo as rotas que tinham, o *Cowpens* chocaria com um dos navios de escolta chineses. Seguiu-se um jogo mortal de desafio. Nenhum dos navios entendia dever dar passagem ao outro até ao último momento, altura em que o navio americano – recorrendo a uma manobra “evasiva” – evitou por pouco a colisão.

Tanto Washington como Beijing reconheceram o incidente. O Departamento de Estado americano chamou-lhe um incidente de segurança de “alto nível”, enquanto que a agência noticiosa oficial chinesa Xinhua acusou o navio americano de actos deliberados de provocação.¹² Se se tivesse dado uma colisão, há pouca dúvida em que a China consideraria o incidente como um acto de guerra.

Os peritos disseram que esta quase-colisão de Dezembro de 2013 foi o incidente marítimo mais significativo entre os Estados Unidos e a China no Mar do Sul da China disputado desde 2009.

• Uma invasão da China pelos Estados Unidos?

Por detrás destas tensões intensificadas está a recomendação de uma força-tarefa do Conselho de Relações Externas (CRE), datada de 2007, em como os Estados Unidos precisam de “derrotar a China rápida e decisivamente em qualquer conflito militar,” e que deviam transferir a maior parte das forças americanas do Atlântico para o Pacífico asiático.¹³

Desde essa altura, a China tem estado a preparar-se agressivamente para combater os Estados Unidos pelo controlo destes mares. Tem agora um arsenal muito maior de mísseis balísticos de curto e médio alcance, capaz de atingir todas as bases militares americanas no Japão, Taiwan, Coreia do Sul e Filipinas. Como já foi mencionado mais atrás, a China também possui um novo sistema de mísseis anti-navio capaz de destruir porta-aviões americanos dentro do alcance operacional de 1500 milhas (mil e quinhentas milhas) da sua costa.

Um documento do Pentágono¹⁴ de que *The Washington Post* teve conhecimento em 2012 ainda é mais preocupante. O investigador financeiro, escritor e editor Addison Wiggin explica:

“O Pentágono formulou uma estratégia chamada Batalha Ar-Mar (BAM). O objetivo é criar tantas bases e aeródromos na região que a China ficaria demasiado cercada para atacar com segurança se se iniciasse um conflito.”¹⁵

BAM propõe uma “campanha de cegueira” – a destruição rápida das capacidades de vigilância e direcção de mísseis da China “bem no interior do país” por bombardeiros de baixa visibilidade e submarinos – seguida de um ataque naval e aéreo em grande escala. *Todas estas propostas de ataques militares americanos contra a China são recomendados partindo do princípio aceite de que a China não recorreria imediatamente ao seu arsenal nuclear contra os Estados Unidos.*

“Em resumo,” diz o colaborador da *American Free Press* Richard Walker,¹³ “isto podia ser a guerra definidora do Século XXI se Washington se recusasse a ordenar o regresso das tropas e navios americanos e deixasse a Ásia resolver os seus próprios problemas.”

Da mesma maneira, Paul Craig Roberts¹⁰ vê nisto o princípio de uma catástrofe de proporções indescritíveis:

“Dizem a Washington que a capacidade tecnológica dos Estados Unidos pode impedir ou interceptar o lançamento de mísseis russos e chineses, elevando assim um ataque preventivo americano ao nível de coisa garantida.”

• As garantias de ‘guerra aberta’ dos Estados Unidos ameaçam arrastar os Estados Unidos e a China para uma confrontação, se não para uma guerra.

A ameaça de uma confrontação armada entre a China e os Estados Unidos talvez nunca tenha sido tão grande. “Portanto, o que temos aqui,” conclui Pat Buchanan, “é que há três zonas de identificação de defesa aérea que se sobrepõem – da China, do Japão e da Coreia do Sul – e três

disputas territoriais – entre a China e o Japão, entre a China e a Coreia do Sul, e entre o Japão e a Coreia do Sul – [conflitos esses que envolvem os Estados Unidos através das suas] garantias em aberto quanto a uma guerra. Parece certo que um destes compromissos, feitos há 50 ou 60 anos, um dia arrastará [os Estados Unidos e a China] para uma confrontação, se não para uma guerra de grandes proporções.”¹⁶

AMEAÇA NO MÉDIO ORIENTE

Talvez uma perspectiva ainda mais perigosa para desencadear a 3ª Guerra Mundial hoje é o desastre do Médio Oriente, onde oito países estão agora oficialmente em guerra uns com os outros, envolvendo ao todo 163 exércitos e grupos separatistas.¹⁷

• A guerra na Síria alastra para o Iraque e o Líbano

Muito recentemente, em Dezembro de 2013 e Janeiro de 2014, no Iraque, militantes da al-Qaeda reverteram o resultado de duas das batalhas mais sangrentas em que entraram forças americanas em toda a guerra do Iraque, tomando o controlo das importantes cidades de Fallujah e Ramadi (apenas a 58 e 103 quilómetros de Bagdad, respectivamente.)

Entretanto, novos bombardeamentos no Líbano ameaçam precipitá-lo de novo numa guerra civil tão horrível como a que acabou há pouco tempo.

Joschka Fischer, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, explica a grande ameaça que a guerra na Síria representa para toda a região:

“O que torna a guerra civil na Síria tão perigosa é que os participantes no terreno já não são as suas forças motrizes. Pelo contrário, a guerra converteu-se numa luta pelo domínio regional entre o Irão de um lado e a Arábia Saudita, o Qatar e a Turquia do outro. Como resultado, o Médio Oriente está em risco de se tornar os Balcãs do Século XXI...”¹⁸

• Os ventos da guerra¹⁸

Os ventos da guerra estão aqui. A tempestade está a espalhar-se. Está a crescer em intensidade rapidamente. E acabará por afectar, directa ou indirectamente, praticamente todas as classes de recurso na face do planeta. [Nota do Editor: Isto quer dizer que todos os homens, mulheres e crianças à face da terra serão afectados significativamente.]

No Iraque, reacendeu os combates nas duas cidades importantes em que as forças americanas tinham ganho as batalhas mais sangrentas e mais importantes de toda a guerra iraquiana – **Fallujah** e **Ramadi**. A sua queda aponta para um possível desastre para todo o país, para toda a região, e para todo o legado da guerra mais longa em toda a história da América. E contudo, é precisamente isso que parece estar a acontecer lá, neste momento.

No Líbano, a guerra civil da Síria também entrou em cena com mais ataques à bomba, que

levam o país cada vez mais na direcção do que poderá ser em breve a sua segunda guerra civil dos tempos modernos. A última guerra civil libanesa durou QUINZE anos, e calcula-se que tenha causado 120.000 mortos... causado um êxodo em massa de um milhão de pessoas ... com Israel e outras potências estrangeiras a intervir no conflito. Esta poderá ser igualmente má, ou pior.

• **Todo o Médio Oriente está em agitação**

Martin Weiss, que publica um boletim financeiro, resume assim a situação em todo o:

Terror, revolução e guerra civil estão a alastrar para o Sudão, a Somália, a África Ocidental... o Cáucaso, o Paquistão e a Ásia meridional... as Filipinas e até a China ocidental ...

O Egipto, o Iémen e o Paquistão estão em variadas fases de se tornarem estados em colapso, onde o poder da lei praticamente desapareceu e o caos começa a reinar. ...

Na Líbia, não só recomeçou a guerra civil – entre o Governo e uma série de milícias armadas – como também se está a espalhar da Líbia para sul, oeste, leste, e em geral por todo o continente africano.

Segundo o *Mideast Mirror*, o colapso da segurança na Líbia foi extremo: “Já não é possível detectar qualquer forma de autoridade em que se possa confiar e que possa conduzir a Líbia para terreno seguro e libertar o país e a sua população das milícias de várias formas e ideologias que actualmente impõem apenas a sua lei e autoridade. A Líbia ... está agora refém de forças sem lei, de grupos armados, de ladrões e de traficantes de armas e de pessoas. Estes transformaram o país num porto seguro para o terrorismo, assassinios, intimidação, mortes e detenções extralegais aleatórias.”

Em vez de remover cirurgicamente o cancro, fizemos com que ele se espalhasse – regionalmente e globalmente. Tal como quando se corta uma estrela-do-mar aos bocados, em vez de se matar um animal (a al-Qaeda), semeámos o crescimento de dúzias de aliados, dissidentes e sucessores da al-Qaeda.

Basta mencionar os mais importantes:

Al-Qaeda na Península Arábica (AQPA), com o quartel-general no Iémen, é provavelmente mais forte do que a organização inicial de bin Laden nos seus melhores dias, e é actualmente a preocupação dominante dos estrategas americanos;

Al Shabab, reconhecida pelo chefe da al-Qaeda Ayman al Zawahari como uma das suas principais subsidiárias na África, e que agora lança ataques muito para além das suas fronteiras regionais;

Al-Qaeda no Iraque (AQI), actualmente fundida com a Jabhat Al Nusra da Síria, formando uma nova e mais potente organização, o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS);

Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI), que agora coordena as suas actividades “com dois novos grupos islâmicos violentos no Mali – o Ansur al Din e o Movimento para a Unidade e Jihad da África Ocidental;

Emirato Islâmico do Cáucaso (EIC), causados dos recentes atentados à bomba em Volgogrado, Rússia, no que parece ser um aumento importante de ataques que antecederam os Jogos Olímpicos de Inverno em Sochi.

Pior ainda, além de o cancro se ter espalhado, estamos a observar uma escalada dramática do conflito:

O que era apenas uns fenómenos de incidentes isolados de terrorismo transformou-se agora numa guerra aberta total.

O que se limitava sobretudo a sonhos de revolução resultou agora no derrubamento dramático do Governos que foram poderosos.

O que era primariamente uma ameaça distante de tumultos tornou-se numa série de estados em colapso ou a caminho do colapso.

Até recentemente, ... o perigo de uma grande guerra no Médio Oriente não era uma preocupação imediata. Agora já é. ... Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU – os Estados Unidos, Reino Unido, França, China e Rússia – estão grandemente envolvidos na região. Mas, ao contrário dos conflitos de há cinco anos, as principais potências mundiais traçaram uma linha na areia – os Estados Unidos e os seus aliados da NATO contra a Rússia e a China. E ao contrário de qualquer ocasião no passado, *vemos navios de guerra americanos e russos a deslocar-se para a área.*¹⁹

• **As armas nucleares de Israel continuam apontadas para o Irão.**

Israel já é uma das principais potências nucleares do mundo, com mais de 400 bombas atómicas. Agora, juntamente com a Arábia Saudita, Israel está a desenvolver planos de guerra para ataques conjuntos contra o Irão, como se o Irão fosse uma ameaça nuclear para eles. Mas, como Patrick Buchanan observa:

“O Irão hoje não possui a bomba atómica. Nunca fez ensaios de uma bomba. Nunca fez explodir um engenho nuclear. Não possui, que se saiba, uma única onça de urânio enriquecido a 90%, que é essencial para uma bomba de urânio. E o Irão também não tem suficiente urânio a 20% para fazer uma bomba. E parte da reserva que tinha foi transformada em bastões combustíveis. Há inspectores em todas as instalações nucleares funcionais do Irão.

“O Ayatollah declarou uma fatwa contra as armas nucleares. O regime de Hassan Rouhani diz que não tem um programa de armas nucleares. E a espionagem americana concorda com o Irão. As 16 agências de informações dos Estados Unidos, tanto em 2007 como há dois anos, disseram, com alto grau de fiabilidade, que o Irão não tomou uma decisão de construir uma bomba e não tem um programa de armas nucleares.

“Para quê novas restrições e reduções a um programa nuclear iraniano que nunca produziu um grama de urânio de qualidade militar, e muito menos uma bomba, e que não representa uma ameaça para Israel, que tem centenas de bombas atômicas? ... Se a facção [israelita] de Netanyahu conseguir sabotar as negociações dos Estados Unidos com o Irão, será difícil ver como se poderá evitar outra guerra, que poderia abrasar a região do Golfo Pérsico e afundar a economia global.”²⁰

O *Sunday Times* de Londres relata que o Rei saudita Abdullah concordou abrir o espaço aéreo saudita aos aviões militares israelitas que vão atacar o Irão. Isto é de uma importância táctica enorme para Israel.

• Os preços do petróleo subirão imenso!

Se Obama levantar o embargo às exportações petroquímicas do Irão, isso não terá um impacto visível nos preços do petróleo, mas um ataque israelo-saudita ao Irão levará pelo menos à subida do preço do petróleo para o dobro. De cada vez que os principais produtores de petróleo vão para a guerra, os preços do petróleo sobem imenso:

1979 - O Iraque atacou o Irão e os preços do petróleo quadruplicaram.

1990 - Os Estados Unidos atacaram o Iraque e os preços do petróleo duplicaram.

2003 - Os Estados Unidos atacaram o Iraque pela segunda vez e os preços do petróleo subiram de 31 dólares por barril para um máximo de 140 dólares por barril antes de a guerra ter acabado.

• Os tambores de guerra continuam a bater – Os Estados Unidos ainda podem invadir o Irão

Não podemos esquecer a possibilidade de uma invasão do Irão pelos Estados Unidos, que Israel deseja tão ardentemente. O Senado americano está a preparar-se, já no início de 2014, para votar uma proposta de lei que praticamente garante uma tal calamidade. O projecto de lei do Senado S.1881, a Lei do Irão Livre de Armas Nucleares, diz em parte:

“É a ideia do Congresso que ... se o Governo de Israel for obrigado a entrar em acção militarmente, em autodefesa legítima, contra o programa de armas nucleares do Irão, o Governo dos Estados Unidos deve alinhar-se com Israel e dar apoio ... diplomático, militar e económico ao Governo de Israel na defesa do seu território, povo e existência.”²¹

Ron Paul, antigo membro da Câmara dos Representantes, explica o perigo que uma tal resolução representa:

“Embora uma ‘ideia do Congresso’ não tenha força de lei, trata-se do género de

cheques em branco que levam a Guerras Mundiais. Embora não seja vinculativa, uma linguagem desse género tem por fim estabelecer uma política dos Estados Unidos ao longo do tempo, de modo que, se Israel atacar o Irão, ficará registado que um número suficiente de Senadores apoiam de tal modo o envolvimento dos Estados Unidos que se sentiram obrigados a votar a favor da guerra.”²²

A AMEAÇA RUSSA

Uma confrontação armada entre os Estados Unidos e a Rússia é mais outra possibilidade. O que mais assusta, a respeito deste teatro de tensões globais, é o cenário muito realista de uma destas potências levar a cabo um primeiro ataque preventivo contra a outra, com base nas suas preparações mútuas e cada vez maiores para a guerra. Paul Craig Roberts explica:

“Washington expandiu a NATO para a Europa de Leste e para os Estados bálticos, e estabeleceu bases militares nas fronteiras com a Rússia. Washington está também a procurar alargar a NATO para antigas partes constituintes da própria Rússia, como a Geórgia e a Ucrânia. ...”

- **Washington está a considerar a Rússia para um primeiro ataque de decapitação**

Roberts continua:

“A alteração pelo regime de George W. Bush da doutrina militar dos Estados Unidos, que elevou as armas nucleares de uma utilização defensiva e retaliativa para um primeiro ataque preventivo, juntamente com a construção, cerca das fronteiras da Rússia, de bases americanas de mísseis antibalísticos e a militarização, por parte de Washington, de novas tecnologias tornou claro para o Governo da Rússia que Washington está a considerar a Rússia para um primeiro ataque de decapitação.”²³

O Presidente Pútín referiu-se a esta posição ofensiva agravada, tomada pelos Estados Unidos contra Moscovo, no seu discurso de 13 de Dezembro de 2013 à Assembleia Nacional da Rússia:



**O Presidente russo
Vladimir Putin**

“Que ninguém se iluda de que pode conseguir superioridade militar sobre a Rússia. Nunca o permitiremos. ... Estamos conscientes de tudo isto e sabemos o que temos a fazer.”

Segundo Paul Craig Roberts,² antigo Membro do Gabinete do Presidente Reagan e antigo editor do *Wall Street Journal*, o Governo de Washington tem mantido os Estados Unidos em guerra contínua há 12 anos: Afeganistão, Iraque, Somália, Líbia, Paquistão, Iémen e quase a Síria, o que ainda pode acontecer, com o Irão a seguir na

lista. Estas guerras ficaram caras em termos de mortes, prestígio, dinheiro, e muitos milhares de baixas por ferimentos, tanto de soldados americanos como das populações civis atacadas.

Mas por mais caras e destruidoras que estas guerras têm sido, estão muito abaixo do nível de uma Guerra Mundial, e muito menos de uma Guerra Mundial entre beligerantes com armas nucleares.

Assim, parece que a guerra muito próxima de fatal para a humanidade é a guerra com a Rússia aliada à China, para que Washington está a conduzir os Estados Unidos e os seus aliados da NATO e dos estados-fantoches asiáticos. Há vários factores que contribuem para o avanço de Washington em direcção a esta guerra final, mas a causa primordial é a doutrina do “excepcionalismo” americano.”



A Senadora Hillary Clinton, possível candidata pelo Partido Democrático às próximas eleições presidenciais americanas, já está determinada numa invasão americana do Irão. Disse em 22 de Abril de 2008 a Chris Cuomo, apresentador do programa “Good Morning America”: “Quero que os iranianos saibam que, se eu for Presidente, atacaremos o Irão.”

O analista político americano Charles Goyette, escrevendo em Janeiro de 2014, resume em poucas palavras a ameaça em larga escala da guerra no Médio Oriente: “Se os belicistas americanos e os seus manipuladores [Israelitas] conseguem o que querem e o Irão é atacado, as hostilidades abertas espalhar-se-ão para além da região e ficarão incontroladas. Provocarão a China e a Rússia, com quem o Irão tem relações comerciais, e poderia arrastar ambos para a guerra, assim como a Turquia e participantes europeus. Uma guerra quente poderá muito bem espalhar-se para incluir o Paquistão e a Índia, países com armas nucleares apontadas um para o outro.”

Segundo esta doutrina hipócrita, a América é o país indispensável. O que isto significa é que os Estados Unidos foram escolhidos pela História para estabelecer a influência dominante do “capitalismo democrático” secular em todo o mundo. A primazia deste objectivo coloca o Governo dos Estados Unidos acima da moralidade tradicional, e acima de toda a lei, tanto nacional como internacional.

Roberts atribui a culpa das tensões perigosamente exacerbadas da actualidade – e do aumento da ameaça global de uma guerra devastadora – ao “assassínio do tratado de redução de armas nucleares,” feito pela administração Obama Mas o ponto da questão do artigo presente é simplesmente o facto da própria ameaça iminente. “Se ficar alguém para escrever uma história,” Roberts lamenta:

“O regime de Obama ficará conhecido como o regime que ressuscitou a Guerra Fria...e a transformou numa guerra quente.”

CICLOS de GUERRA

A crise financeira e económica

Larry Edelson, um analista financeiro experimentado e bem conhecido,²⁴ tem falado muito ultimamente daquilo a que chama “ciclos de guerra,” sublinhando que os indicadores cíclicos da inquietação social em massa estão agora a convergir de maneira mais extrema do que tem ocorrido há mais de um século.²⁵ (Note-se que este período inclui ambas as Guerras Mundiais!)



O analista financeiro Larry Edelson prediz uma convulsão social global, e vê uma forte possibilidade de uma guerra social em grande escala num futuro próximo.

O termo “cíclico” não quer implicar que a humanidade está, de algum modo, condenada a sofrer períodos de guerra a intervalos predestinados. De modo nenhum. Além disso, nós, Católicos, compreendemos que a guerra é castigo do pecado, e que fazer penitência e emendar a vida – e, especialmente, obedecer aos pedidos de Nossa Senhora de Fátima – pode reverter o curso os acontecimentos mundiais.

Estes ciclos de guerra são antes medidas de factores (económicos ou outros) que se sabe, historicamente, acompanharem convulsões sociais maciças – são, portanto, índices da volatilidade humana, se quiserem. São, com efeito, um reconhecimento do facto de que as finanças e a economia relacionam-se integralmente com as causas subjacentes (observáveis por qualquer pessoa que queira vê-las) que levam a agitações sociais nacionais e internacionais. As principais preocupações da guerra, tal como dos interesses financeiros seculares, são o poder e a aquisição de bens.

• Os ciclos de guerra irão levar a uma guerra em grande escala

Edelson diz que a trajectória actual destes ciclos de guerra aponta para uma aceleração imediata da agitação social: “[O]s ciclos de guerra estão agora a subir quase na vertical, irão levar a uma guerra de maior âmbito.”

Edelson explica:

“Não sou pessimista. Não sou um niilista com a ideia do ‘fim do mundo’. Sou simplesmente um historiador, que sabe como os Governos e os mercados são cíclicos por natureza, e como quem não aprender com a história está condenado a repetir os erros do passado.”

• Os conflitos mundiais cresceram em 2013

201 ataques terroristas tiveram lugar em todo o mundo.

8 países estão oficialmente em guerra no Médio Oriente, envolvendo 153 grupos

diferentes de milícias, separatistas e anarquistas.

24 países e 141 grupos diferentes estão envolvidos em guerras no Congo, Mali, Nigéria, Somália e Sudão.

8 países na Europa estão envolvidos em guerras oficiais, implicando 65 grupos diferentes de milícias, guerrilha e separatistas.

Mais de 5 países latino-americanos estão expostos a situações quase de guerra, envolvendo mais de 25 grupos separatistas.

Actualmente, há um número quase recorde de 60 países envolvidos em guerras, implicando 512 grupos de milícias e separatistas.

Infelizmente, ainda se vai tornar pior, porque as investigações de Edelson e Weiss demonstram que o mundo ainda está à beira de uma rampa ascendente dos ciclos de guerra e com um aumento muito dramático de conflitos geopolíticos e de agitação social, que não atingirá o pico antes do ano 2020.

• O que são os ciclos de guerra?

Larry Edelson estudou as 14.000 guerras que tiveram lugar em quase 5.000 anos de história.

“O que leva a sociedade e o mundo a entrar em tempos de turbulência? Há duas forças – a economia privada e o sector público (o Governo).

“Nos tempos melhores, quando os interesses dos sectores privados e público estão alinhados, consegue-se uma parceria a mais próxima possível. Há um bom crescimento económico. Há colaboração. Há um aumento do emprego, pouca ou nenhuma inflação, maior produtividade.

“Mas nos tempos piores, quando a economia subjacente entra num período de crise, como tem acontecido desde o ano 2000 – agre-se uma divisão entre os sectores público e privado. ...”

Os Governos voltam-se contra os cidadãos quando a economia está má

“Em maus tempos económicos, os interesses do Governo sobem para o topo. Vendo que as receitas diminuem e que não conseguem restringir as despesas, os Governos começam a abrir falência. À medida que abrem falência, voltam-se contra os cidadãos e procuram mais maneiras de lhes extorquir dinheiro, ao mesmo tempo que cortam e até renegam as promessas feitas. ...

“À medida que sobem as tensões entre os sectores públicos e privado, começam os protestos. Há revoltas sobre os impostos. Motins nas ruas. Movimentos secessionistas. Desordens civis.

“Entre nações, os Governos lutam pelos seus próprios interesses, com guerras monetárias, protecção, barreiras comerciais, controlos de capitais, etc. As guerras pelos recursos naturais intensificam-se. Os combates religiosos intensificam-se..., levando a conflitos internos e internacionais.”²⁶

A guerra financeira irá manifestar-se de maneiras chocantes

Além do desencadear de um conflito armado grande, Edelson prediz também que a guerra financeira (que já se está a travar nos bastidores) manifestar-se-á depressa de maneiras chocantes, incluindo:

A nacionalização dos fundos de aposentação e pensões;

A confiscação directa dos fundos particulares, segundo o modelo da Taxa de Riqueza de 10% recentemente proposta pelo Fundo Monetário Internacional como solução para as dívidas dos Governos; e a confiscação, à maneira de Chipre, dos fundos dos depositantes para salvar os bancos em crise.

O colapso financeiro global

Maurizio d’Orlando é analista económico e noticioso do *Asia News*. Muito lido e respeitado pela sua perícia, nós estimamo-lo especialmente por ser Católico – que, além disso, compreende que a crise económica global que ele estuda, e que anuncia catástrofes inimagináveis para o mundo, só pode ser resolvida através da prometida intervenção de Nossa Senhora de Fátima quando os Seus pedidos forem obedecidos.

O Sr. d’Orlando teve a amabilidade de falar em três das nossas Conferências de Paz de Fátima recentes (em 2010, 2011 e 2012) para partilhar connosco as suas análises sobre as finanças modernas. Diz ele:



Maurizio d’Orlando, Ph.D. (analista económico, e correspondente financeiro do *Asia News*) dá o alerta sobre o armageddon financeiro e uma grande guerra iminente. O Professor d’Orlando era orador nas Conferências de Paz do Centro de Fátima em 2010, 2011 e 2012 em Roma. As mesmas condições financeiras que prevaleciam no mundo antes da 1ª Guerra Mundial, sublinhou, prevalecem hoje também. Julga que agora é impossível evitar uma guerra de grandes proporções, a não ser que Deus intervenha miraculosamente para salvar a humanidade.

• Vivemos numa época de perversão económica.

“O nosso sistema económico baseia-se, em parte, num sistema financeiro assente na usura. Esta perversão leva a outros graves defeitos. O facto é que todos os preços são determinados

inconsistentemente. Todos os dias, por exemplo, os comerciantes do mercado do petróleo trocam uma quantidade de petróleo que é 700 vezes a produção diária mundial de crude! Isto é apenas um exemplo. Todo o sistema económico em que vivemos actualmente é totalmente falso e irreal. ...”

• O risco de colapso sistémico de todo o mundo financeiro.

“Temos de compreender que no nosso sistema monetário actual, as unidades monetárias não têm equivalente em ouro. A unidade monetária actualmente usada no mundo é, na realidade, a dívida – a dívida soberana, uma dívida considerada ‘segura,’ mas que sabemos que está longe de ser segura. A moeda emitida pelos bancos centrais, portanto, tem um risco extremo de falhar, porque não está ligada a qualquer riqueza verdadeira. Isto sublinha o risco de um colapso sistémico de todo o mundo financeiro. ...”

• Hiperinflação

“Estamos a caminhar para um período de hiperinflação, devido à falta de uma regulação entre oferta e procura. Há uma quantidade enorme de dinheiro, comparada com os bens produzidos e vendidos em todo o mundo. Isto acabará por causar escassez de alimentos, de energia e de matérias-primas. ... Os impérios entram em colapso muito depressa, e todos os sinais que geralmente precederam o colapso de praticamente todos os impérios da História estão hoje presentes. ...

“O nosso mundo está a desabar nos seus próprios alicerces. Como foram ocultados estes custos [de dívida insustentável]? Bem, isso foi feito adiando-os, alargando a dívida. Mas isso não resolveu o problema. Foi só uma maneira de ganhar tempo. Mas, infelizmente, o tempo está agora a recuperar o atraso.”²⁷

• Colapso global do sistema financeiro.

A previsão de D’Orlando é grave:

“O que irá acontecer no futuro próximo? Penso que a situação é bastante clara. Foi descrita por muitos outros. Creio que estamos a avançar para um colapso global do sistema financeiro.”²⁸

Um colapso financeiro desta magnitude afectará todos os homens, mulheres e crianças na face da terra. Causará um colapso total do comércio e da indústria. Quando acontecer, mais ninguém aceitará papel-moeda. Os cartões de crédito serão inúteis, os bancos fecharão, e as poupanças de cada um de nós desaparecerão. Ninguém será capaz de comprar nem que seja um litro de leite ou um pão.

Reinarão o caos e o desespero (especialmente nas áreas urbanas, onde dezenas ou centenas de milhar de pessoas ficarão a competir pelos recursos extremamente limitados das pessoas locais), e a própria sobrevivência será posta em causa, momento a momento, dia a dia.

• Colapso dos sistemas de pensões e de saúde.

O que fará desencadear esta situação? D'Orlando especula que só as tensões internacionais sobre alimentos e matérias-primas bastariam para desencadear a catástrofe. Outros destabilizadores potenciais incluem o desemprego, o descontrolo das dívidas do Governo, a hiperinflação, e o colapso dos sistemas de pensões e de saúde.

• Crise de desemprego

Nada do que acabamos de apontar é uma possibilidade remota. D'Orlando aponta, por exemplo, que as estatísticas actuais do desemprego nos Estados Unidos pareceriam muito diferentes se fossem aferidas segundo parâmetros mais realistas, como os que eram usados antes da era de Clinton.

Segundo a fórmula anterior, os Estados Unidos já estão a sofrer uma crise de desemprego que faz lembrar a da Grande Depressão, a 22%. Mas mesmo que se sigam as formulações actuais, os números publicados do desemprego dos jovens (incluindo formados no ensino superior) nos Estados Unidos são absolutamente chocantes, a mais de 50%. *Time NewsFeed* publicou um artigo bem fundamentado sobre este assunto em 2011:

“Há relatórios que colocam a taxa do desemprego para pessoas até aos 25 anos num máximo de 54%. Muitos destes formados no desemprego estão a ir para a educação superior numa tentativa de aguentar até melhorar o mercado de trabalho, enquanto que outros vão para qualquer lado – e fazem qualquer coisa – para trabalharem. Entretanto, voltar para casa ajuda a aguentar as despesas e a pagar os empréstimos do estudo ... De facto, segundo um inquérito feito pela firma de consultoria Twentysomething Inc., cerca de 85% dos formados recordarão em breve os sabores dos cozinhados da mãe.”²⁹

Paul Craig Roberts apresenta também esta observação, em que lamenta a situação dos assalariados americanos:

“Nos anos recentes, os únicos rendimentos que têm aumentado em termos reais referem-se aos poucos que estão no topo da distribuição de rendimentos. Os que estão no topo beneficiam de ‘bónus de desempenho,’ muitas vezes adquiridos pelo despedimento de trabalhadores ou pela substituição de trabalhadores americanos por mão-de-obra estrangeira, mais barata, e do aumento das cotações das acções e títulos causado pela política da Reserva Federal de flexibilização quantitativa. Todos os outros tiveram um declínio, em termos reais, dos seus rendimentos e bens.

“À medida que o aumento real dos rendimentos estagnava, as esposas juntaram-se à força laboral para compensar. As crianças foram educadas através de um refinanciamento da hipoteca da casa e usando a equidade na casa de família, ou com empréstimos a estudantes que agora não podem pagar por não ganharem o suficiente. Desde a crise de Dezembro de 2007 que os americanos esgotaram as suas capacidades de aguentar. As casas foram refinanciadas. As repartições de finanças

foram atacadas. As poupanças foram retiradas dos bancos. As crianças cresceram, fizeram-se adultas, e voltaram para as casas dos pais.”³⁰

D’Orlando considera estes números como um autêntico sinal dos tempos:

“Obama começou o seu mandato presidencial com o que era essencialmente uma promessa em como ia resolver tudo, e uma das suas primeiras prioridades era resolver os problemas do emprego. Se virmos as taxas de desemprego e subemprego nos Estados Unidos, verificamos que são muito alarmantes mesmo, especialmente quando se referem à juventude. Se considerarmos ambos os parâmetros (desemprego e subemprego), chegamos a um número que ultrapassa os 50 por cento.

“Isto é um indicador realmente chocante do estado da economia dos Estados Unidos, se considerarmos quão diferente costumava ser a estrutura do emprego nos Estados Unidos, quando os jovens podiam entrar no mercado do trabalho muito mais cedo do que os jovens noutras partes do mundo – na Europa e particularmente na Itália, por exemplo. Este número é, pois, significativo, e mostra quão invulgar é este desenvolvimento; os jovens são compelidos a manter-se dentro das suas famílias até terem 35 a 40 anos.”³¹

• **Recessão assustadora**

A causa mais provável do colapso final, na opinião de d’Orlando, será o fardo insustentável do mercado de derivativos. “O fundo será baseado nos derivativos. ... O valor dos contratos de derivativos é dez vezes maior do que o Produto Nacional Bruto (PNB) produzido por todas as nações num ano. ... Está totalmente descontrolado.”³²³³

A situação financeira do mundo, segundo d’Orlando crê, já está muito pior do que a maioria das pessoas calcula:

“Nos últimos 30 anos, houve uma série de crises que se têm complicado a si próprias, como uma bola de neve que cresce constantemente em tamanho e peso. Estão constantemente a ficar cada vez maiores, e eventualmente desencadearão um evento cataclísmico final.

“Já alcançou tais dimensões que não vejo como possamos encontrar uma solução. Não podemos parar de aumentar essa bolha, porque se deixamos de imprimir mais dinheiro, encontrar-nos-emos numa recessão aterrorizante.”³⁴

• **Os Estados Unidos estão falidos – A percentagem da dívida corresponde a 107% do PNG.**

O Prof. Laurence Kotlikoff, da Universidade de Boston, é outro economista americano que desafia as estatísticas publicadas. Ele é antigo economista sénior do Conselho de Assesores Económicos do Presidente Reagan, e as suas palavras têm autoridade:

“Encaremos a realidade. Os Estados Unidos estão falidos.”

Isto foi publicado no jornal *Finance and Development* (número de Setembro de 2010), um periódico do Fundo Monetário Internacional (FMI)!

O número oficial do FMI para a dívida bruta dos Estados Unidos em 2012, como percentagem do Produto Nacional Bruto (PNB) anual, é de cerca de 107%. Mesmo este número eufemístico ultrapassa de longe o maior limite geralmente aceite de eventual reembolso, situado entre 85% e 90%.

O Dr. Kotlikoff mais afirma que o número verdadeiro, mesmo em 2010, era pelo menos 14 vezes mais alto do que querem que os investidores globais e os contribuintes americanos acreditem. Tomando em conta os passivos como salvamentos de bancos, o endividamento das empresas estatais e os compromissos do Governo em relação a pensões e cuidados de saúde, colocou a dívida nacional em 840% do PNB actual, o que demonstra claramente que os Estados Unidos estão em pior situação do que a Grécia.



Laurence Kotlikoff, Ph.D. (Professor de Economia na Universidade de Boston, Associado de Investigação da Repartição Nacional de Investigação Económica, e antigo economista sénior do Conselho de Assessores Económicos do Presidente Reagan, escrevendo num número de 2010 do periódico *Finance and Development*, do Fundo Monetário Internacional, desmascarou as mentiras que ocultam a verdadeira situação económica dos Estados Unidos – a falência.

Outras nações pelo mundo fora estão a enfrentar crises semelhantes. No Reino Unido, onde os bancos foram nacionalizados, a dívida nacional é de 950% do PNB anual!

Da mesma maneira, a dívida total de uma nação (que inclui as dívidas dos lares, das firmas e do sistema bancário como um todo) é, em muitos casos, muito maior do que a dívida pública, e muito para além de qualquer esperança prática de liquidação.

A contabilidade do Governo, que esconde a realidade dos factos através de manipulações oficiais e enganos extraoficiais – aquilo a que Kotlikoff chama “contabilidade Enron” – é, na sua simples avaliação, uma mentira.³⁵

• O colapso financeiro global que se aproxima foi planeado intencionalmente.

Maurizio d’Orlando, ainda mais claramente, vê um certo método nesta loucura. Acredita que a incrível loucura das nossas economias baseadas na dívida tem, na realidade, uma finalidade muito sinistra – a saber, o colapso inevitável dessas economias. O colapso financeiro global que se avizinha será um acontecimento planeado a nível internacional. Servirá, segundo crê, como a

primeira fase necessária de uma transição para um Governo global e uma moeda única mundial, e levará directamente à segunda fase dessa transição, em que as soberanias nacionais serão dissolvidas.

• **Tirania global**

“Isto foi programado, e já há muito que o vemos acontecer. ... Creio que a situação levará a uma paralisia total do sistema financeiro, em que uma depressão será ligada a uma hiperinflação, e haverá uma anarquia total. E em face da anarquia, as pessoas aceitarão uma tirania global.”³⁶

• **A próxima fase – 3ª Guerra Mundial**

Na sua opinião, o que será exactamente a segunda fase? Outro acontecimento previsto, planeado – uma 3ª Guerra Mundial. Na Conferência *Fátima: A sua última oportunidade* de 2012, Maurizio d’Orlando declarou:

“De certa maneira, o mundo foi forçado, até agora, a pagar uma espécie de ‘imposto feudal’ aos Estados Unidos. Tivemos que o pagar para manter a chamada ‘Pax Americana’, que o mundo gozou nos últimos 60 anos. Mas o facto de que a China quer agora introduzir o Yuan como moeda de reserva mundial é uma grave ameaça estratégica para todo o sistema económico liderado pelos Estados Unidos, e portanto também pela Europa. Isto levará a fortes tensões sociais e económicas, que causarão instabilidade económica e eventualmente uma série de guerras, porque uma ameaça estratégica causa sempre conflitos.”

A crise da dívida também é aguda noutros países – talvez mais significativamente na China, cuja economia em decadência significa a ruína para o dólar americano, e calamidade para a economia global. Yi Gang, Vice-Governador do Banco Popular da China, anunciou, numa entrevista de fim de ano em 2013, que a China vai reduzir a sua posse de títulos do Tesouro dos Estados Unidos e as reservas monetárias dos Estados Unidos em 2014. Como Charles Goyette aponta, a China pôs assim as cartas na mesa, anunciando claramente que já não pode aguentar com as dívidas insustentáveis de outros países.

Os problemas internos estão a forçar a China a diminuir as suas reservas de câmbio estrangeiro, que quase duplicaram só nos últimos três anos, passando de 2 triliões de dólares em 2011 para os actuais 3,7 triliões de dólares. À medida que a China diminui a quantia da dívida dos Estados Unidos que detém, os Estados Unidos ver-se-ão numa busca desesperada de capital para reembolsar os títulos anteriores e para arranjar novos compradores para títulos novos. Goyette explica:

“A China é uma enorme economia de maus investimentos. No ano passado, a dívida privada e pública da China aumentou 2 vezes e meia mais depressa do que o PNB. ... Muitas empresas chinesas estão na situação dos proprietários americanos de casas que arranjaram empréstimos através dos seus cartões Visa e MasterCard para conseguir pagar as hipotecas. Até agora, o problema da dívida esteve abafado, mas agora veio à superfície.

“Tal como a bolha da habitação nos Estados Unidos, a bolha dos chineses está a reventar, e a China irá sofrer uma grave crise de dívida em 2014. ... A China irá recorrer às suas reservas [estrangeiras] para mitigar a crise e recapitalizar os bancos. Escusado será dizer que para tal irá usar dólares. ...

“Os problemas da China far-se-ão sentir em todo o mundo, ameaçando uma crise global e complicando o problema de financiar a dívida dos Estados Unidos. O que significa taxas mais altas e mais produção de dinheiro pelo Banco Federal.

“Incidentalmente, a China está rapidamente a ficar mais autoritária com o Presidente Xi Jinping, e a crise monetária doméstica fará com que a China fique mais belicosa na região. A China não fará outra coisa do que os outros Governos, pois tem a mesma vontade de desviar a atenção dos problemas domésticos enchendo as ‘as mentes agitadas com quezílias estrangeiras.’ O risco de um cálculo geopolítico errado na região é alto.”³⁷

• **Colapso de todo o sistema económico.**

Maurizio d’Orlando continua:

“No fundo, isto levará ao colapso de todo o sistema económico.

“Os investidores perderão toda a confiança no euro e no dólar americano, e portanto na própria moeda como meio de troca. Isto, ligado à hiperinflação, levará ao colapso do sistema monetário. Na minha opinião [de d’Orlando], portanto, o colapso financeiro será extremamente rápido, e levará a uma guerra de grandes proporções.”

• **A Nova Ordem Mundial**

“Já vemos isto tomar forma. As forças seculares estão numa frente, e o mundo islâmico – actualmente aliado da Rússia e das potências emergentes – está na outra. Nós estamos no meio. Esta guerra ser-nos-á apresentada como um choque de civilizações, como um choque de religiões. Mas, na verdade, não é assim. Tudo será feito segundo os planos, orquestrado por uma elite financeira que quer criar um banco mundial e uma Nova Ordem Mundial.” (Nota do Editor: Com uma nova autoridade moral – a Religião Mundial do Anticristo.)

• **Anarquia pura**

“A guerra provocará o colapso da União Europeia e dos Estados Unidos, assim como da maioria das monarquias árabes, e possivelmente do Partido Comunista na China – um cenário de anarquia pura. Só isto levará a guerra ao fim, e finalmente emergirá uma moeda global e um Governo global, que é o que está no centro deste projecto, porque serão considerados como as únicas soluções para os problemas do mundo.”

• **A conclusão de D’Orlando – NÃO HÁ uma SOLUÇÃO HUMANA.**

“Falando com franqueza, falando a um nível humano, não creio que haja maneira de impedir isto. Na minha opinião, quem disser que existe uma solução humana, está a mentir. É um velho projecto, e creio que não há nada que possamos fazer para impedir que se concretize, a não ser confiarmos por completo em Nossa Senhora. Francamente, não vejo qualquer outra saída possível para a humanidade.”

Haverá alguma esperança? Segundo Addison Wiggin: “Não há nada que possamos fazer para deter esta loucura.”

D’Orlando concorda claramente. Pelos seus cálculos, só um milagre poderia desviar as pressões e as tendências económicas que estão a levar as grandes potências internacionais para outra Guerra Mundial.

A ÚNICA SOLUÇÃO

“Rezem o Terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer!”



Só Nossa Senhora de Fátima nos pode ajudar

Passadas décadas de busca de soluções a curto prazo – com resultados tão lamentáveis – não estaremos ainda prontos para admitir que estas miragens não são solução nenhuma? A sombria história dos últimos 100 anos, e o desespero actual da desordem moral, política e religiosa do mundo, provaram amplamente a verdade da garantia de Nossa Senhora de Fátima de que SÓ Ela nos pode valer.

A intervenção do Imaculado Coração de Maria

Mesmo se as tensões actuais conseguirem resolver-se de qualquer maneira, sem levar os Estados Unidos para um conflito armado directo com a China ou a Rússia, ou no Médio Oriente, estamos certos de que iremos cair nelas uma e outra vez no futuro próximo, até

termos finalmente esgotado a paciência de Deus e o período em que Ele permite que os pedidos de Nossa Senhora sejam desprezados. Só há uma possibilidade de uma solução autêntica e duradoura para a ameaça crescente de uma guerra incompreensivelmente destruidora – a intervenção do Imaculado Coração de Maria.

• **O aviso de Nossa Senhora**

Nossa Senhora avisou-nos que, se não atendêssemos aos Seus pedidos – dos nossos Terços diários, das nossas Comunhões de Reparação nos Primeiros Sábados, e da Consagração da Rússia ao Imaculado Coração de Maria pelo Santo Padre em união com todos os Bispos Católicos do mundo – sofreremos todo o rigor da justiça de Deus, incluindo até o aniquilamento de nações inteiras:

“[Deus] vai punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. Para o impedir, virei pedir a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração, e a Comunhão Reparadora nos Primeiros Sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados; o Santo Padre terá muito que sofrer; várias nações serão aniquiladas.”³⁸

Nossa Senhora de Fátima disse: Sem a Consagração da Rússia não haverá paz

Nossa Senhora de Fátima disse:

“Participa ao Santo Padre que continuo a esperar a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração. Sem essa Consagração, a Rússia não se poderá converter, nem o mundo terá paz.”³⁹

• **Nossa Senhora, a nossa única esperança.**

Atender aos pedidos de Nossa Senhora de Fátima é a nossa única esperança de salvarmos as vidas, e de impedir a perda de almas sem conta, quando começarem milhões de pessoas a perecer de um momento para outro, sem terem tempo de se prepararem para morrer. Apesar disso, esta Mensagem tem sido escondida efectivamente do conhecimento público, e enterrada sob uma conspiração de silêncio, até mesmo por aqueles na Igreja cujo dever é divulgá-la.

Por favor, continue a apoiar o Centro de Fátima, para podermos dar a conhecer a Mensagem de Nossa Senhora a mais pessoas, antes que seja tarde demais para evitar os piores dos castigos terríveis profetizados por Nossa Senhora.

O que cada um de nós pode fazer pessoalmente

Sim, ainda há esperança. Nosso Senhor disse à Irmã Lúcia que “nunca é tarde demais para recorrer a Jesus e Maria.”⁴⁰ Precisamos de redobrar já as nossas orações, nesta hora já tão tardia, e precisamos de acrescentar penitências e sacrifícios às nossas orações, para lhes darmos mais poder.

Como disse o Santo Padre Pio, devemos rezar muitos Terços todos os dias, e devemos levar outras pessoas a rezar o Terço. Nossa Senhora de Fátima insistiu no Terço quotidiano em cada uma das Suas seis aparições em 1917:

13 de Maio: “Rezem o Terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.”

13 de Junho: “Quero que rezeis o Terço todos os dias.”

13 de Julho: “Continuem a rezar o Terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque *só Ela lhes poderá valer.*”

19 de Agosto: “Quero que continueis a rezar o Terço todos os dias.”

13 de Setembro: “Continuem a rezar o Terço, para alcançarem o fim da guerra.”

13 de Outubro: “Sou a Senhora do Rosário. Continuem sempre a rezar o Terço todos os dias.”

A Irmã Lúcia disse-nos que Deus deu ao Terço um poder ainda maior no nosso tempo do que teve em qualquer outro período da História:

“A Santíssima Virgem, nestes últimos tempos em que vivemos, deu uma nova eficácia à oração do Santo Rosário. De tal maneira que agora não há problema, por mais difícil que seja, seja temporal ou, sobretudo, espiritual – que se refira à vida pessoal de cada um de nós; ou à vida das nossas famílias, sejam as famílias do mundo sejam as Comunidades Religiosas; ou à vida dos povos e das nações –, não há problema, repito, por mais difícil que seja, que não possamos resolver agora com a oração do Santo Rosário. Com o Santo Rosário nos salvaremos, nos santificaremos, consolaremos a Nosso Senhor e obteremos a salvação de muitas almas.”⁴¹

Não devemos demorar

A seguir, precisamos de ser mais generosos nas penitências e outros actos de reparação que oferecermos, juntamente com as nossas orações. Como a Irmã Lúcia disse ao Padre Fuentes,

esperaremos em vão, a caminho da nossa destruição, se esperarmos que venha de Roma ou de alguma chancelaria local um apelo desesperado à penitência. Temos de reconhecer por nós próprios a urgência e responder à Mensagem de Fátima com uma resolução generosa e altruísta, para fazermos reparação pelos pecados que estão a atrair sobre nós este castigo iminente, e consolar o Imaculado Coração de Nossa Senhora. A Irmã Lúcia disse:

“não esperemos que venha de Roma um chamamento à penitência, da parte do Santo Padre, para todo o mundo; nem esperemos também que tal apelo venha da parte dos Senhores Bispos para cada uma das Dioceses; nem sequer, ainda, das Congregações Religiosas. Não. Nosso Senhor usou já muitos destes meios e ninguém fez caso deles. Por isso, agora... agora que cada um de nós comece por si próprio a sua reforma espiritual: que tem que salvar não só a sua alma mas também todas as almas que Deus pôs no seu caminho.”⁴²

O Anjo da Visão do Terceiro Segredo, cuja espada flamejante ameaçava devorar a terra, bradou, pedindo as nossas penitências para atenuar a cólera de Deus:

“Vimos um Anjo com uma espada de fogo em a mão esquerda; ao cintilar, despedia chamas que parecia iam incendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro. O Anjo, apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: ‘Penitência! Penitência! Penitência!’”⁴³

Reparação

Temos ainda a admoção do Anjo aos pastorinhos na sua segunda visita de 1916, exortando-nos a todos a que aproveitemos todas as oportunidades que Deus nos enviar para fazermos sacrifícios generosos de reparação, evitando assim os terríveis flagelos que estão agora à porta do mundo:

“De tudo que puderdes, oferecei a Deus sacrificio em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa Pátria, a paz. ... Sobretudo, aceitai e suportai, com submissão, o sofrimento que o Senhor vos enviar.”⁴⁴

Mais uma vez, na última aparição do Anjo aos pastorinhos, ao convidar Jacinta e Francisco a receber dele a sua primeira Sagrada Comunhão, usou estas palavras comoventes:

“Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.”⁴⁵

Estas palavras recordam-nos o poder e a importância que tem a prática dos Primeiros Sábados, segundo o pedido de Nossa Senhora. Devemos dar grande importância a esta devoção, e não deixarmos de fazer a Comunhão de Reparação nos Primeiros Sábados, além de acrescentarmos os outros actos de reparação (Confissão, Terço e Meditação) quantas vezes seja

possível, mesmo depois de termos completado os nossos cinco Primeiros Sábados consecutivos. Devemos educar e encorajar o maior número possível de Católicos com respeito a esta devoção, que pode vir a salvar todas as nossas vidas.

Nossa Senhora de Fátima fez este mesmo apelo à nossa generosidade para fazermos reparação pelos pecados. Em Maio de 1917, Ela perguntou aos pastorinhos:

“Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido, e de súplica pela conversão dos pecadores?”

Esta pergunta dirige-se a cada um de nós. Mais uma vez, em Agosto, Nossa Senhora, visivelmente triste, pediu:

“Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.”

Rezemos pelo Papa

Devemos também lembrar-nos todos os dias para fazermos do Santo Padre o objectivo especial das nossas orações e sacrifícios. Quando os pastorinhos estavam a sofrer tanto no tempo em que estiveram presos, e receando pelas suas vidas, ofereceram as suas dores e tristezas e ansiedades especialmente pelo Santo Padre. Compreenderam melhor do que nós a necessidade que ele tem das nossas orações.

Quase vinte anos mais tarde (como a Irmã Lúcia lembrou numa carta de 18 de Maio de 1936), Nosso Senhor pediu-lhe que apressasse a Consagração da Rússia por este mesmo meio: “Reza muito pelo Santo Padre!”

Falemos aos outros sobre Fátima

Finalmente, a Mensagem e os pedidos de Nossa Senhora de Fátima ainda não são bem conhecidos. Também isto é o nosso papel, e ainda não o desempenhámos adequadamente. Devemos tomar todas as oportunidades que Deus nos envia para falar aos outros sobre Nossa Senhora de Fátima. Leve exemplares adicionais de *The Fatima Crusader* para deixar em salas de espera e partilhar com alguns amigos que encontre no supermercado. Precisamos de ser mais ousados e determinados em levar esta Mensagem para o foro público, onde deve estar.

Precisamos de levantar a voz, especialmente nos nossos círculos católicos, incluindo os nossos párocos e Bispos, e falando até ao Papa. Nosso Senhor disse-nos que levássemos a Mensagem da Sua Mãe ao clero da Sua Igreja – “Participa aos Meus ministros”. Através de conversas e de petições, com insistência cortês e respeitosa, podemos “pregar a verdade ao poder” na Igreja e conseguir o Triunfo de Nossa Senhora a tempo de impedir que algumas nações do mundo sejam escravizadas ou aniquiladas. *Ou podemos sofrer as consequências de não o termos feito.*

Não foi por acaso que Nossa Senhora quis aparecer em Akita, no Japão, em 14 de Outubro de 1973 – aniversário do Milagre do Sol em Fátima – para nos avisar sobre catástrofes próximas numa escala cósmica. Nossa Senhora profetizou desastres que seriam mais terríveis do que o Dilúvio, e disse que os sobreviventes iriam suportar tantos sofrimentos que “invejeriam os mortos.”

Estes castigos podem estar a tomar forma na Ásia, enquanto o mundo está a olhar para o outro lado. O Papa Bento XVI, quando era o Cardeal Ratzinger, também afirmou que as Mensagens de Akita e Fátima são basicamente a mesma: arrependamo-nos ou enfrentaremos castigos inimagináveis.

Notas

1. Relatado por Paolo Rodari do jornal diário italiano *Corriere della Sera*, http://www.corriere.it/esteri/10_maggio_11/vecchi-parole-papa_fa994a90-5ce9-11df-97c2-00144f02aabe.shtml.
- 1a. Leia-se Padre Paul Kramer, *The Mystery of Iniquity* (Liberty Lake, Washington: Unmasking Iniquity Association, 2011), que explica em pormenor este mistério. O livro está disponível em www.fatimashoppe.org.
2. Citado por Paul Craig Roberts, *American Free Press*, Nº 52, p. 10, 30 de Dezembro de 2013. Roberts foi Assistente do Subsecretário do Tesouro dos E.U.A. e antigo editor associado de *The Wall Street Journal*.
3. A Stasi era a polícia secreta da Alemanha Oriental comunista, 1950-1990.
4. Hang Zhang, “Culture and Apology: The Hainan Island Incident,” 2001, *World Englishes*, 20: 383-391. doi: 10.1111/1467-971X.00222, <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1457-971X.00222/abstract;jsessionid=DB629b39dd1c5c9afd26f57.F02T04>.
5. Citado por Patrick J. Buchanan, “Who Fed the Tiger?”, 20 de Novembro de 2010, <http://buchanan.org/blog/who-fed-the-tiger-4569>
6. Citado em “Do You Feel Rich?”, *5 Min. Forecast*, 12 de Dezembro de 2013, 01:50, <http://agorafinancial.com/2013/12/12/do-you-feel-rich/>
7. Patrick J. Buchanan, “Are the Senkakus Worth a War?”, 13 de Dezembro de 2013, <http://buchanan.org/blog/senkakus-worth-war-6067>
8. Cf. Hannah Beech, “Angry Skies: Japanese Jets Scramble as Tensions with China Escalate,” *Time-World*, 18 de Setembro de 2013, <http://world.time.com/2013/09/18/angry-skies-japanese-jets-scramble-as-tensions-with-china-escalate/#ixzz2fRDgNJmp> e “Senkaku Islands: Japan Sends Jets in China Row,” *Sky News*, 7 de Janeiro de 2014, <http://news.sky.com/story/1191448/senkakuislands-japan-sends-jets-in-china-row>
9. Patrick J. Buchanan, “Has the Asian Tiger Gone Tiger?”, 3 de Dezembro de 2013, <http://buchanan.org/blog/asian-tiger-gone-tiger-6045>
10. Cf. Bonnie Glaser, Council on Foreign Relations Contingency Planning Memorandum No. 14, “Armed Clash in the South China Sea,” Abril de 2012, <http://www.cfr.org/mundo/armed-clash-southchina-sea/p27883>
11. Paul Craig Roberts, “Washington Drives the World Toward War,” 14 de Dezembro de 2013, <http://www.paulcraigroberts.org/2013/12/14/washington-drives-world-toward-war-paul-craig-roberts/>.
12. Cf. Sui-Lee Wee, “China Confirms Near Miss with U.S. Ship in South China Sea,” *Reuters*, 18 de Dezembro de 2013, <http://www.reuters.com/article/2013/12/18/us-china-usa-shipsidUSBRE9BH03M20131218>
13. Richard Walker, “U.S. Interventionism in Asia Could Spark War with China,” *American Free Press*, 6 e 13 de Janeiro de 2014, p. 17. Walker, que é jornalista, é colaborador frequente do semanário *American Free Press*.

14. Cf. http://www.washingtonpost.com/mundo/national-security/us-model-for-a-future-war-fanstensions-with-china-and-inside-Pentagon/2012/08/01/gJQAC6F8PX_story.html.
15. Addison Wiggin, “America’s New Cold War,” *The Daily Reckoning*, 29 de Novembro de 2013, <http://www.dailyreckoning.com.au/americas-new-cold-war/2013/11/29/>
16. Patrick J. Buchanan, “Are the Senkakus Worth a War?,” 13 de Dezembro de 2013, <http://buchanan.org/blog/senkakus-worth-war-6067>
17. Cf. Larry Edelson, “You Need to Take Action Now as World Conflicts Ramp Up,” *Money and Markets*, 20 de Janeiro de 2014, <http://www.moneyandmarkets.com/you-need-to-take-action-now-as-world-conflicts-ramp-up-57601>
18. Cited by Martin Weiss, “Winds of War,” Part II, *Money and Markets*, January 11, 2014.
19. Martin D. Weiss, Ph.D., “Winds of War,” I e II Partes, *Money and Markets*, 4 e 11 de Janeiro de 2014, <http://www.moneyandmarkets.com/winds-of-war-2-57337> e <http://www.moneyandmarkets.com/winds-of-war-part-ii-57443>.
20. Patrick J. Buchanan, “A Deal With Iran — or War With Iran?,” 12 de Novembro de 2013, <http://buchanan.org/blog/deal-iran-war-iran-5991>.
21. Nuclear Weapons Free Iran Act, Comissão de Relações Externas do Senado, <http://www.foreign.senate.gov/imo/media/doc/Nuclear%20Weapon%20Free%20Iran%20Act.pdf>
22. Ron Paul, antigo membro da Câmara de Representantes, “Public Pressure Can Help Peace Prevail in 2014,” *American Free Press*, 6 e 13 de Janeiro de 2014, p. 22.
23. Paul Craig Roberts, “Washington Drives the World Toward War,” 14 de Dezembro de 2013, <http://www.paulcraigroberts.org/2013/12/14/washington-drives-world-toward-war-paul-craig-roberts/>
24. Larry Edelson é um analista financeiro bem conhecido, que aparece regularmente nos boletins e serviços de investimento premium publicados por Weiss Research, Inc – uma firma de consultoria económica especialmente famosa por ter alertado especificamente e com grande antecedência sobre a actual crise de dívida, e por ter predito o fracasso de Bear Stearns 102 dias antes de ter acontecido, dos Lehman Brothers 182 dias antes da sua queda, do Citigroup 110 dias antes, e do Fannie Mae oito anos antes. Esta mesma equipa de analistas avisou (no seu *Safe Money Report*) que firmas de Wall Street estavam a emitir classificações distorcidas de acções, e que havia relatórios manipulados de lucros de empresas, já em 1994 e 1999, respectivamente.
25. Larry Edelson, “It’s Time to Take Action Against Washington and Wall Street,” *Commodities, Stocks, Technical Analysis*, 9 de Dezembro de 2013, <http://www.swingtradingdaily.com/2013/12/09/itstime-to-take-action-against-washington-and-wall-street/>
26. Larry Edelson, “What Turbulent Times Mean for Gold,” *Commodities, Stocks, Technical Analysis*, 2 de Dezembro de 2013, <http://www.swingtradingdaily.com/2013/12/02/what-turbulent-times-mean-for-gold/>
27. Maurizio d’Orlando, “Financial Armageddon and Impending War,” Conferência *Fátima: A sua última oportunidade!*, 15 de Maio de 2012, http://www.fatimayourlastchance.com/index.php?option=com_content&view=article&id=31&Itemid=8
28. Maurizio d’Orlando, “Is There Any Human Solution to the World’s Economic and Financial Disaster?,” Conferência *Consagração Já!*, 9 de Maio de 2011, http://www.consecrationnow.com/index.php?option=com_content&view=article&id=53%3Ais-there-any-human-solution-to-the-worlds-economic-and-financial-disaster&catid=18&Itemid=9
29. Erica Ho, “Survey: 85% of New College Grads Move Back in with Mom and Dad,” *Time NewsFeed*, 10 de

Maio de 2011, <http://newsfeed.time.com/2011/05/10/survey-85-of-new-college-grads-moving-back-in-with-mom-and-dad/>

30. Paul Craig Roberts, “The Case of the Missing Recovery,” 3 de Janeiro de 2014, <http://www.paulcraigroberts.org/2014/01/03/case-missing-recovery-paul-craig-roberts/>
31. Maurizio d’Orlando; cf. nota 27.
32. Produto Nacional Bruto, o valor de bens e serviços produzidos (num país ou, neste caso. em todo o mundo) por ano.
33. Maurizio d’Orlando; cf. nota 28.
34. Maurizio d’Orlando; cf. nota 28.
35. Neil Reynolds, “The Scary Actual U.S. Government Debt,” *The Globe and Mail*, 27 de Outubro de 2010, <http://www.theglobeandmail.com/report-on-business/rob-commentary/the-scary-actual-usgovernment-debt/article4330289/>
36. Maurizio d’Orlando; cf. nota 28.
37. Charles Goyette, “Freedom & Prosperity Letter,” Janeiro de 2014.
38. Quarta Memória da Irmã Lúcia, *Memorias da Irmã Lúcia*, Fátima, Portugal, 6ª edição, 1990, pp. 163-167
39. Cf. Frère François, *Fatima: Tragedy and Triumph*, p. 21.
40. Revelação de Agosto de 1931, em Rianjo, Espanha.
41. Entrevista de 26 de Dezembro de 1957 com o Padre Augustin Fuentes; citado em Frère Michel, *The Whole Truth About Fatima*, Vol. III, Immaculate Heart Publications, Buffalo, NY, 2001, p. 508.
42. *Ibid.*, p. 506.
43. Congregação para a Doutrina da Fé, *A Mensagem de Fátima*, 26 de Junho de 2000.
44. Frère Michel, *The Whole Truth About Fatima*, Vol. I, p. 73.
45. Quarta Memória da Irmã Lúcia, *Memorias da Irmã Lúcia*, Fátima, Portugal, 6ª edição, 1990, p.154

Este número de Emergência de *The Fatima Crusader* deve ser lido e digerido por si, palavra por palavra. E si assim não fizer, não estará preparado para o que aí vem. Há ESPERANÇA, mas só pela obediência aos pedidos urgentes de Fátima, que, como nos disse o Papa João Paulo II, são dirigidos a TODOS os seres humanos.

THE FATIMA CRUSADER DEPENDE DAS SUAS DOAÇÕES DEDUTÍVES AOS IMPOSTOS

**PRECISAMOS que nos ajude a continuar a espalhar
a única verdade profética que pode salvar o mundo**

Por favor, seja o mais generoso que puder.

Ofereça esmolas para imprimir e fazer circular esta revista crucialmente importante, que divulga TODA a Mensagem de Fátima.

- Encomende mais exemplares dos números recentes e mais antigos para dar à sua família, amigos e vizinhos, e deixar onde quer que for para outras pessoas os apanharem!
- Envie-nos nomes e endereços de outras pessoas que deseja que recebam a Mensagem urgente de Fátima.
- Diga-lhes que visitem o nosso site introdutório da Internet, para saberem mais. Visite: <http://www.fatima.org/port/default.html>

The Fatima Crusader é publicado pela Comissão Nacional da Virgem Peregrina Nacional do Canadá. É distribuído nos Estados Unidos com a colaboração dos Servos de Jesus e Maria.

Editor: Coralie Graham. **Directores:** Padre Nicholas Gruner, Leonard Cecere, Coralie Graham, e Miriam Dias. **Esta impressão, 250.000 exemplares.** Esta revista é enviada gratuitamente, mas agradece-se uma doação para cobrir o custo dos portes de correio e de impressão. É apenas graças à generosidade dos nossos apoiantes, que dão mais do que o mínimo, que podemos continuar a publicar esta revista. Agradecemos muito a continuação do seu apoio com orações.

ESCRITÓRIOS NO ESTRANGEIRO: **Itália** – Piazza Risorgimento 14, 00192 Roma, Italia | **Índia** – P.O. Box #8592, 9/1, Ganapathy First Street, Avvai Nagar, Thiruvannamiyur, Chennai 600 041 | **Irlanda do Norte** – P.O. Box 165, Newry BT34 2WZ | **Irlanda do Sul** – Apt. C, School Road, Whitechurch, County Cork, Ireland | **Filipinas** – 1165 Vergara Street, Quiapo 1001, Metro Manila, Philippines | **Portugal** – Apartado 4066, 3030-901 Coimbra, Portugal.